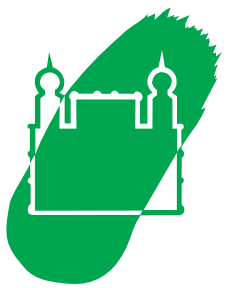


ASFOC FIOCRUZ



Todo dia
é Dia dos
Trabalhadores



Mentiras! Verdades

O Conexão ASFOC nº 118 causou certa polêmica com a manchete “Serra Mente!”. As declarações pretensiosas do ex-ministro da saúde e candidato do PSDB de FHC *et caterva* - que deram origem ao artigo incisivo - causaram enorme indignação. Pelo menos, entre nossos colegas que, mais conscientes e ativos, participam da luta por nossos direitos e sabem que a gestão de Serra nada teve de “pacificadora”. Também indignados ficaram aqueles que trabalham pela saúde da população que nos remunera, um compromisso muito anterior ao suposto “projeto de saúde” do candidato governista.

Mentiras ainda maiores viriam a público pouco depois. A mentira parece ser elemento básico do jogo do poder das elites.

No entanto, algumas verdades vão se consolidando ao longo desse confronto histórico. O antagonismo entre o trabalho e o capital, por exemplo.

Este jornal dedicado ao Dia do Trabalhador, embora tardio, chega a tempo de ainda prestar as homenagens devidas, registrando também as homenagens devidamente prestadas. Como o show do dia 3 de maio, uma festa de primeira que reuniu um monte de gente contente e artistas excelentes.

A inauguração do Estação IFF foi outra dessas homenagens. A presença do pessoal ainda foi tímida, mas o espaço da ASFOC no IFF logo vai ser descoberto para festas, para compartilhar arte e cultura, como palco da convivência na Unidade. Tem tudo para se tornar um polo de atração para toda a Fiocruz e até o público externo, com uma boa programação.

O novo site da ASFOC é uma homenagem também, além disso é resultado da atenção que a ASFOC dedica ao trabalho de comunicação e à

divulgação de informações importantes para nossa comunidade. É um passo além nessa experiência que vem sendo acumulada e aperfeiçoada ao longo de várias gestões.

Para o seu lançamento foi planejado um debate sobre “Democracia e Privacidade na Internet”. Uma conjunção de fatores acabou frustrando o evento, mas a discussão permanece atualíssima. Um dos debatedores convidados, o Prof. Gustavo Gindre, dá início à série de artigos sobre o tema que serão publicados em nosso jornal. Na próxima edição, o Vice-presidente de Desenvolvimento Institucional, Informação e Comunicação, Paulo Gadelha, escreve sobre a política institucional da Fiocruz para o aproveitamento da Internet e sua utilização pelos servidores. O debate está lançado e novo site é uma ferramenta para torná-lo mais amplo.

Na verdade, nosso jornal, como tudo que resulta de nossa ação organizada, é sempre uma homenagem que fazemos à luta dos trabalhadores. A ASFOC, esse jornal, o novo site, as festas e eventos do Projeto Cultural, as atividades esportivas, a assistência jurídica, o atendimento odontológico, nossos atos públicos e assembleias. Enfim, toda estrutura que construímos e tudo que conseguimos coletivamente, tudo isso é o arsenal de ferramentas que dispomos para a conquista de nossos direitos e objetivos.

Deste arsenal, também faz parte o Congresso Interno, que acontece pela quarta vez no próximo semestre. Para municiar nossa comunidade neste momento de definição do projeto institucional da Fiocruz, a ASFOC está realizando um Ciclo de Debates para aprofundar as reflexões sobre a questão de Recursos Humanos.

Ele é tema deste jornal, assim como um grupo especial de servidores, que zela pelos equipamentos, instalações e ferramentas bastante concretas com as quais realizamos nosso trabalho diário. O pessoal da área de manutenção está na seção Destaque que finaliza esta edição em homenagem aos trabalhadores.

ESPAÇO UNIFOC

O Brasil que não queremos

Antonio Humberto da Costa

O GOVERNO tenta de todas as formas possíveis e imagináveis demonstrar aos olhos de todos que o Brasil já é um país que passou da fase emergente para um situação de segurança e tranquilidade, em que todos podem desfrutar e conviver com dias melhores.

Entretanto, o Censo de 2.000, com dados divulgados por todos os meios de Comunicação, mostra outra realidade: a concentração de renda é cada vez maior, o estado de pobreza e o analfabetismo em algumas regiões do país nos colocam entre as nações menos desenvolvidas da face da Terra.

A sociedade má, perversa e injusta não busca as causas, só nos mostra as conseqüências; os índices de violência aumentam a cada instante. Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo estão entre as mais violentas do Mundo.

Falando do Rio, cidade que vivemos, é fácil afirmar que ninguém aqui, não importa o bairro que mora, pode dizer que nunca presenciou ou foi atingido por algum tipo de violência. Não é lícito afirmar, contudo de alguma forma somos obrigados reconhecer que as ações governamentais pecam por falta de clareza e de uma infra-estrutura capaz de dar segurança ao cidadão que vive e se sente ameaçado naquilo que é elementar, ou seja: o direito de dizer que é livre e é protegido pelo Estado.

O Estado só poderá dar exemplo quando nos seus altos escalões não existirem mais – lado a lado – sociedade e corrupção: os escândalos, as falcatruas, as negociatas e a impunidade andam de mãos entrelaçadas.

O Brasil com uma dívida externa parecida com sua densidade demográfica, é considerado como um país de alto risco. Hoje, instituições financeiras internacionais tentam ditar como devemos viver internamente e sempre servil.

É hora de reflexão e fazer um auto exame para concluirmos se é isso mesmo que queremos.

Já existem grupos fazendo manifestações contra a violência e a favor da paz. O Estado, como um todo, é responsável por esta situação difícil que nos encontramos.

A violência, a criminalidade e a miséria não são mais do que o acúmulo de providências que jamais foram tomadas.

Acorda Brasil!

DIRETORIA DA ASFOC

Rita Mattos
Diretora Geral
Leila Mello
Vice-Diretora
Cristiane Moneró
Diretora Secretária
Vânia Buchmuller
Diretora Administrativa
Júlio Bandeira de Mello
Diretor Sócio-Cultural
Justa Helena Franco
Diretora de Assistência
João Carlos “Profeta”
Diretor de Esportes

SUPLENTES

Ludmila Sebba,
Luiz Maurício Baldacci,
Janine Miranda Cardoso,
Mário Santos Moreira,
Marta de Jesus Silva,
Afonso Cesar Woyames,
Rogério Lannes Rocha

CONSELHO FISCAL

Anna Beatriz de Sá Almeida,
Marco Antonio C. Menezes,
Rugimar Marcovitz,
Angela Maria Vieira da Silva,
Marilene F. Costa

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Tels: (21) 2290-7347
jornalismoasfoc@bol.com.br

Editor

Gustavo de Carvalho
(Mtb 17627)

Repórter
Lia Ribeiro

Programação Visual
Flávio Tavares

Fotos

André Telles

Divulgação
Alexandre Costa

Impressão
Gráfica Folha Dirigida

IV Congresso Interno da Fiocruz

ASFOC estimula discussão sobre Recursos Humanos

Nosso próximo Congresso Interno, previsto para setembro deste ano, terá como tema central “C&T, Inovação para a Melhoria da Qualidade de Vida”. A Comissão Organizadora, seguindo as indicações do CD Fiocruz, definiu um temário centrado “em questões estratégicas e grandes diretrizes programáticas, evitando-se a reiteração de aspectos normativos ou formulações muito genéricas de princípios referidos aos macro-processos da Fiocruz”. A pauta prevê a discussão de prioridades e desafios atuais para a Fiocruz, além de diferentes aspectos de sua inserção nas ações de saúde pública.

As questões relativas a Recursos Humanos também foram incluídas e é nessa discussão que a ASFOC vai concentrar sua intervenção. Para isso, estará promovendo um Ciclo de Debates com a participação de convidados com grande experiência na área de planejamento e políticas públicas. Já estão confirmados quatro debates entre 17 de maio e 14 de junho (veja a programação nesta página).

Com certeza, novas questões de interesse dos servidores surgirão nas discussões preparatórias do Congresso, mas algumas das teses defendidas pela ASFOC nos Congressos anteriores permanecem atuais. Entre elas, a reafirmação as cláusulas pétreas que caracterizam e justificam a existência da Fiocruz: seu caráter público, estatal e estratégico; o compromisso social que é a sua marca, a gestão democrática, eficiência e eficácia gerencial, além da manutenção de sua integralidade institucional.

Em relação a Recursos Humanos, mesmo com a realização do Concurso recentemente, falta muito para superar a “colcha de retalhos” em que se transformou o regime de contratação na Fiocruz e suprir o quadro ideal de servidores. Ainda se mantém a necessidade de implementação de uma política de Recursos Humanos que contemple os diferentes quadros de pessoal existentes, fixando limites rígidos ao atual formato de sub-locação de mão-de-obra, a partir de regras universais para o conjunto da Instituição, num processo gradativo de extinção destes vínculos.

No tocante ao modelo de gestão participativa, ainda são válidas as diretrizes definidas já no II Congresso Interno (1994). Como a constituição do Conselho Superior como órgão de Controle Social, integrado por representantes do poder público, personalidades de notório saber da área Técnico-Científica, representantes do Sistema Único de Saúde, da área de C&T e de usuários da Instituição.

Também devem ser mantidas as atribuições do Congresso Interno para a definição do Projeto Institucional e da estrutura organizacional e política da Fiocruz (Estatuto, Regimento e forma de indicação dos dirigentes). Da mesma forma, o Conselho Deliberativo deve permanecer como órgão de deliberação sobre as políticas institucionais e a programação das atividades, acompanhamento e avaliação do desempenho das Unidades, entre outras atribuições.

Seminários da Presidência

A Presidência da Fiocruz também está promovendo seminários para subsidiar a discussão dos servidores no processo preparatório do Congresso Interno. O primeiro aconteceu no dia 26 de abril, trazendo para o auditório da ENSP o reitor eleito da UFRJ, Carlos Lessa, o professor da UERJ, Reinaldo Guimarães, e o ex-presidente da Fiocruz, Sérgio Arouca. O atual presidente, Paulo Buss, na abertura do seminário, lembrou a importância de Arouca e demais dirigentes na época de sua gestão para a construção do processo de gestão democrática e a criação do Congresso Interno da Fiocruz.

A intervenção de Carlos Lessa teve momentos de indignação ao apontar a influência do modelo norte-americano, levando à banalização do saber e à “subordinação da Universidade ao negócio”. Reconhecendo estar radicalizando o argumento, Lessa afirmou que “o sábio hoje não vale nada, qualquer Xuxa tem mais prestígio”. Ressaltando que “só o Estado Nacional tem universidade”, o professor criticou a política de FHC que “está abrindo mão da idéia de nação”. Para ele, “o futuro nada tem a ver com o negócio, o discurso economicista em torno da pesquisa é ridículo”.

Falando sobre o processo de explicitação da política de pesquisa em saúde no Brasil, Reinaldo Guimarães lembrou que a Fiocruz, já em 1989, realizava um encontro sobre este tema e que as reflexões aqui desenvolvidas podem trazer importantes contribuições para a II Conferência de Ciência e Tecnologia em Saúde, convocada para outubro de 2003. Considerando que saúde é o maior setor de pesquisa no país, o professor avalia o desenvolvimento de nossa capacidade na área como “divorciado da política de saúde e fortemente inclinado para a academia”. Revelando que o MCT dispõe de R\$ 700 milhões para investir na área da saúde e o MS apenas R\$ 80 milhões, ele diz que “o desafio é promover a coordenação deste modelo de gestão bifonte”.

Sérgio Arouca afirmou que o objeto de nossa produção define compromissos, “o trabalho em saúde não pode estar vinculado a interesses governamentais, tem que ser libertário, não pode se submeter a armadilhas conjunturais”. Para Arouca o Congresso Interno da Fiocruz “é uma das experiências mais bem sucedidas de reunir o conjunto da instituição para construir um projeto, discutir o futuro e a nação, apesar dos governos”. Estimulando a recuperação do espírito de corporação entre nós, ele concluiu afirmando que “não vendemos nossa força de trabalho para produzir mercadorias, a Fiocruz é estratégica para o desenvolvimento nacional”.

Os convidados deste primeiro seminário preparatório abordaram questões que certamente vão influenciar as discussões e deliberações do Congresso Interno. Para a ASFOC, a orientação fundamental para a definição de nossas prioridades é o reconhecimento de que a Fiocruz é do Estado brasileiro, compromissada com as demandas de nossa sociedade. O aperfeiçoamento do projeto institucional que construímos coletivamente não pode se deixar conduzir por políticas conjunturais.

Ciclo de Debates da ASFOC

Horário: 12:30h - **Local:** Auditório da ASFOC (os servidores serão avisados no caso de alterações do local)

17 de maio

Valorização e Responsabilidade na Política de Recursos Humanos

Luiz Alberto dos Santos

Assessor parlamentar do PT no Congresso Nacional para as áreas de Administração Pública, Direito Constitucional e Administrativo e Previdência Social

22 de maio

Gestão Participativa em Instituições de C&T

Raul Pont

Deputado Estadual/RS (1986), Deputado Federal (1990) e Prefeito de Porto Alegre (1996), membro do Diretório Nacional do PT

14 de junho

Controle Social e Políticas Públicas de Saúde

Gastão Wagner de Souza Campos

Secretário Municipal de Saúde de Campinas (SP)

27 de maio

Lei de Inovação em Ciência e Tecnologia

Roberto Freire

Senador e Presidente Nacional do PPS



Dia dos trabalhadores

Hoje, é muito comum relacionar o 1º de maio a um momento de festa. Nada mais justo, aqui mesmo na Fiocruz, anualmente a ASFOC promove seu maior evento festivo no Dia dos Trabalhadores, como o grande show deste ano com Zé Renato, Jards Macalé, Guinga e Moacir Luz. No entanto, o 1º de maio simboliza uma luta cheia de sacrifícios, que levou e continua levando muitas vidas, por meio da repressão sangrenta, como a que motivou a escolha desta data há mais de um século, ou em surdina, disfarçada em modelos econômicos e formas de opressão mais sintonizados ao tempo em que vivemos.

Nesta homenagem ao Dia dos Trabalhadores, vamos falar de sua história e atualidade. De como a festa pelo que já conquistamos não exclui a luta pelo que continua nos sendo negado pelo capitalismo.



Uma história de lutas

Pensando no que os EUA simbolizam e na hegemonia política e econômica que efetivamente que este país exerce no mundo capitalista, é difícil acreditar que justamente ali se desenrolaram, há 116 anos, os acontecimentos que deram origem ao Dia do Trabalhador.

Naquela época, as condições de trabalho, os baixos salários e a exploração do trabalho infantil nas fábricas norte-americanas, repetiam o modelo de organização e exploração do trabalho da Europa. A jornada de trabalho chegava a mais de 12 horas e as crianças eram submetidas, desde muito jovens, ao mesmo trabalho duro e extenuante enfrentado por seus pais.

As primeiras organizações operárias passaram a reivindicar o fim do trabalho infantil e a redução da jornada para oito horas diárias e apenas quatro horas aos domingos. Os patrões, irredutíveis, só aceitavam discutir a reivindicação com uma redução de 50% dos salários. A repressão violenta da polícia era o único método para conter os protestos e as greves dos trabalhadores em luta por melhores condições de vida.

No dia 1º de maio de 1886, Chicago (EUA), amanheceu tensa, 500 mil trabalhadores e trabalhadoras foram às ruas, em manifestação pacífica, exigindo a redução da jornada para 8 horas de trabalho. Como sempre, polícia reprimiu a manifestação, dispersando a concentração, depois de ferir e matar dezenas de operários.

Os fatos que aconteceriam durante aquele dia marcariam para sempre consciências e corações de todos os trabalhadores. Em

1889, o Congresso Operário Internacional, reunido em Paris, definiu o 1º de maio como o Dia Internacional dos Trabalhadores. A partir daquele ano, em todo 1º de maio haveria manifestações, reuniões e desfiles em todas as partes do mundo, reforçando a ação coletiva organizada como fundamento da luta dos trabalhadores.

Um mito criado pela elite

O mito do brasileiro acomodado e dócil tem sido diligentemente cultivado pelos que detém o poder político e econômico em nosso país. Responsável pela exploração cruel e secular dos trabalhadores, a burguesia brasileira pretende assim se apropriar também das lições que a história fornece à nossa luta por justiça e para construir um mundo melhor.

É mais uma mentira que, como dissemos no editorial, parece ser elemento básico do jogo do poder das elites. É verdade que, enquanto os operários de Chicago saíam às ruas para reivindicar melhores condições de trabalho, no Brasil, o operariado ainda era quase inexistente, a economia era essencialmente agrícola e fortemente calcada na escravidão. Mas é verdade também que os escravos e, antes deles, os índios e os brasileiros mais pobres em geral - desde o período colonial, nunca deixaram de lutar por justiça e liberdade.

A história da formação da nação brasileira é rica em rebeliões, a luta pela independência é cheia de exemplos que desmentem a tal índole pacífica que as classes dominantes tentam atribuir aos brasileiros. Avançando algumas décadas, a primeira notícia de greve no país veio dos gráficos cariocas, que paralisaram as oficinas em

1858. Ocorreriam greves ainda entre os ferroviários (1863), estivadores (1877), trabalhadores dos transportes urbanos, chapeleiros e vidraceiros (1903).

“Trabalhadores do Brasil!”

Não se sabe ao certo quando foi realizada a primeira manifestação do Dia dos Trabalhadores no Brasil, mas um livro editado por trabalhadores anarquistas, em 1891, já falava do 1º de Maio. Em seguida, apareceu no Rio de Janeiro o boletim “Um de Maio” e, em 1894, alguns anarquistas e socialistas foram presos sob alegação de estarem “tramando” a realização do ato, em São Paulo.

Comprovadamente, a primeira grande manifestação ocorreu no Rio de Janeiro, em 1906, organizada pela Confederação Operária Brasileira (COB), primeira experiência de central sindical no país. As palavras de ordem eram, como vinte anos antes em Chicago, jornada de 8 horas e melhores condições de trabalho. Além disso, reforçando a importância da organização em entidades representativas, a jovem classe trabalhadora no Brasil já incluía a autonomia sindical entre suas reivindicações.

Depois veio o desenvolvimento industrial e, com isso, o crescimento da classe operária no Brasil. A organização dos trabalhadores em associações, sindicatos, federações passou a ter um peso crescente na luta política e ideológica; em todos os níveis de poder, na condução de experiências de governo ao redor do planeta, na formação do patrimônio espiritual e cultural de toda humanidade.

Veio Getúlio Vargas, que - como ditador e líder populista - soube usar seu carisma ao falar aos “Trabalhadores do Brasil” no

estádio de futebol onde acontecia o 1º de maio oficial, ao mesmo tempo que combateria paternalismo e repressão na relação entre o Estado burguês que representava e o proletariado, seu antagonista natural.

Veio JK com sua política desenvolvimentista, veio Jango despertando esperanças de poder nos trabalhadores organizados em partidos e entidades sindicais. Veio a Ditadura Militar sufocando esperanças e espalhando terror e morte, veio a luta pela democracia, cujos exemplos de coragem e determinação trouxeram a vitória e mais uma vez desmentem o mito burguês do brasileiro pacífico.

Chegando ao 1º de Maio de nossa época, podemos nos confundir entre os apelos de uma ou outra Central Sindical ou sindicato, entre o sorteio e o show mais atrativo, entre esta ou aquela motivação política que anima as comemorações do 1º de maio que hoje acontecem livremente.

Os eventos que a ASFOC promove em homenagem ao Dia dos Trabalhadores são sempre momentos de festa, mas também de recarregar as energias para a luta de todos os dias. Como as assembleias, manifestações e atos públicos, como todas as atividades e todo trabalho empreendido pela ASFOC, é sempre um recurso para manter acesa a idéia de que só a luta organizada nos leva a vitória. Aqui na Fiocruz e no movimento popular em geral, tudo que supere a apatia e a descrença, tudo que fortaleça o compromisso e a participação de cada um na luta, é motivo de festa.

* Artigo baseado em informações obtidas na internet nas páginas da Arquidiocese de São Paulo (www.arquidiocese-sp.org.br) e da Central Única dos Trabalhadores (www.cut.org.br)

Contracheque reflete nossas reivindicações e conquistas



Gratificação de Dedicção Exclusiva que foi extinta por Lei. Conquista da manutenção deste valor como Vantagem Pessoal paga aos servidores de NS

Finalmente, após vários anos de luta foram conquistadas a inclusão e manutenção dessa rubrica no contracheque dos servidores. O percentual de 26,06 incide sobre o Vencimento Básico, Adicional de Titulação, Anuênio e Adicional de Insalubridade.

Porém, as negociações continuam no sentido de incluir os que ingressaram na Instituição a partir de 98 e pelo pagamento imediato dos precatórios já depositados judicialmente.

A ASFOC está lutando para aumentar a participação da Fiocruz através de um Programa de Saúde do Trabalhador, diminuindo assim, nossa contribuição.

ASFOC Mensalidade (*Comitê contra a Fome e pela Vida*)

Ano passado, a ASFOC distribuiu 300 cestas básicas para a Ação da Cidadania Contra a Fome e Pela Vida, 150 para a campanha do CpqHEC e contribuiu com o café da manhã oferecido por esta mesma Unidade no dia Mundial de Luta Contra a AIDS. Também foram entregues 100 pacotes de fraldas geriátricas para o Lar Samaritano de São Gonçalo.

COMPROVANTE DE RENDIMENTOS									
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ									
UF	UNIDADE DE UFAS	REG. JURÍDICO	SITUAÇÃO DO SERVIDOR		UF	EXERCÍCIO/CLASSIFICAÇÃO			
NOME DO SERVIDOR						MATRÍCULA UFAS			
FUNÇÃO/CLASSIFICAÇÃO						CLASSE	REINSCRIÇÃO	FUNÇÃO	
DEP. UF	DEP. ER	T.E. FU	E.P.	REGIDO	AGÊNCIA	CONTA CORRENTE		MÉD. PAGAMENTO	
REMO. PARA ACESSO AO SÍMBOLO						IDENTIFICAÇÃO ÚNICA			
TIPO	DESCRIÇÃO		PREZIO	VALOR					
R	Ven. Básico								
	Adicional por Tempo de Serviço (anuênio)								
	Adicional de Insalubridade								
	Adicional de Periculosidade								
	Adicional de Irradiação/Ionizante								
	Auxílio Alimentação								
	Adicional de Titulação								
	Vantagem Pessoal Art.15 L. 9527/97								
	P4 6090000220 / 94-71-DE / VP								
	RT1679/89 7J/RJ 26,06% AT/AP								
	Grat. Des. At. Cien. e Tecn. GDACT								
D	FIOPREV - Plano de Saúde								
	ASFOC - Mensalidade								
	ASFOC - Mensalidade								
	Imposto de Renda Retido na Fonte								

Imposto de Renda retido na fonte – A ASFOC através de seus advogados conquistou judicialmente a correção da tabela de desconto do IR a partir de julho de 2000 e que está prestes a ser implantada para os servidores que deram autorização para entrar com a ação.

Na implantação da GDACT esta rubrica vinha incorporada ao Vencimento Básico e agora aparece como rubrica própria. A nossa reivindicação é de que volte a ser incorporada ao vencimento.

Pela forte pressão do Fórum Sindical de C&T, onde a ASFOC atua, a GDACT foi efetivada em 30 de junho de 2000. Mas, ainda não contempla todos os pontos exigidos pelo movimento sindical como aumento linear de 50% a todos e extensão aos aposentados e pensionistas.

Conquistas recentes relacionadas a essa gratificação foram o reconhecimento do MPOG do direito da retroatividade a março de 2001 (ainda aguardando a liberação de verba), embora este parecer não contemple a portaria do MS que estabelece nosso direito a janeiro de 2001. Outra conquista foi a implantação de uma Comissão de Carreira paritária que tornou a Fiocruz a única instituição de C&T a contar com essa instância de participação.

Democracia e privacidade na Internet

Um meio de comunicação é fruto do encontro de tecnologias e da vontade humana. Nesse sentido, a sua forma vai sempre depender, também, de aspectos políticos, culturais, sociais e econômicos. O rádio, por exemplo, nasceu um meio bi-direcional: os aparelhos (comprados às peças e montados em casa) eram, ao mesmo tempo, emissores e receptores. Podia-se falar e ouvir. Depois, os governos começaram a afirmar que transmitir sem permissão do Estado é crime e que só se pode usar aparelhos comprados em lojas e com certificado. Ou seja, o rádio se tornou um meio unidirecional, onde ficamos apenas ouvindo o que alguém definiu que era o melhor para nós. Depois veio a TV e repetiu o sistema do rádio.

Assim, hoje em dia quando falamos em rádio pensamos que o único modo possível de operá-lo é este que conhecemos. Esquecemos que a história poderia ter sido bem diferente.

A mesma coisa ocorre com a Internet. No início era uma rede de computadores das forças armadas dos Estados Unidos. Depois, incorporou diversas universidades e, nos anos oitenta, se abriu para a sociedade civil. A internet também é um meio bi-direcional, onde o usuário é ativo, escolhe o que vai ver e produz seu próprio conteúdo. Mas, será que o futuro nos guarda novas surpresas?

De um lado, milhões de excluídos (apenas 5% da humanidade tem e-mail) que não podem comprar um computador, que não possuem telefone (60% dos brasileiros não têm uma linha), que não falam inglês (a língua que domina a Internet).

De outro lado, os usuários. A cada dia que passa mais websites passam a cobrar pelos seus conteúdos. Empresas colocam filtros para investigar o que seus funcionários estão fazendo. Mais e mais websites usam cookies (programas que invadem

nossos micros e investigam nossos padrões na Internet, revelando gostos e perfis de consumidores). O FBI, em todo o mundo, grampeia provedores com um software chamado “carnivore” em busca de “criminosos”. E a NSA (outra agência dos Estados Unidos) usa um sistema chamado “eschelon” para censurar telefones, e-mails, fax e tudo o mais (até FHC já foi grampeado no caso SI-VAM).

Por isso tudo, podemos dizer que a Internet é um meio de comunicação que está em disputa. Ela ainda não possui um padrão estabilizado e isso vai depender de muita briga. Pode ser que no futuro ela se torne mais aberta, democrática, um meio de comunicação que respeite a diversidade e a pluralidade de opiniões. Mas, tam-

bém pode ser que ela seja, apenas, mais um meio de consumo e de entretenimento fácil e onde o debate seja totalmente controlado por padrões, cookies e softwares de espionagem.

O caminho que ela vai tomar depende da ação cotidiana de cada um de nós, o tempo todo. Caso contrário, pode ser que no futuro, nossos filhos não acreditem que algum dia existiu algo diferente deste imenso e virtual shopping center. E mais uma parte de nossa história terá se perdido.

**Visite nosso site:
www.asfoc.fiocruz.br
e confira as novidades.**

Gustavo Gindre
gindre@indec.org.br
Coordenador Executivo do Instituto de Estudos e Projetos em Comunicação e Cultura (INDECS)
Coordenador do Curso de Comunicação Social da Universidade Candido Mendes (UCAM)

Privatizações Quem fica com o lucro?

A Privatização dos Serviços Públicos Federais no Rio de Janeiro foi o tema da Audiência Pública organizada pelo Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Federal no Estado do Rio (Sintrasef) no dia 25 de abril na Assembleia Legislativa do Rio. Os relatos feitos sobre as crises e irregularidades constatados pelos funcionários e usuários do Instituto Nacional do Câncer (Inca), Fundação Nacional de Saúde (Funasa), do Departamento de Estradas e Rodagem (DNER) e Rádio MEC nos processos de terceirização, demissões, transformação em agências executivas etc, servirão de base para um dossiê elaborado pela Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania presidida pelo deputado Chico Alencar.

O Instituto Nacional do Câncer que compreende três unidades hospitalares no Rio, atualmente, está sendo administrado pela Fundação Ary Frausino, responsável pela contratação de funcionários. A usuária Marieta Delduck que faz parte do Grupo de Amigos e Usuários do Hospital do Câncer, disse que o Inca enfrenta seu pior momento desde a fundação, “sou paciente reincidente e pude observar o quanto as mudanças feitas por esse governo transformaram algo que era considerado referência em sucata”. Segundo ela, “o corpo médico está sendo desviado para outras funções, foram desativados mais de 100 leitos assistenciais e, como consequência, o número de pacientes em espera aumentou em uma proporção sem precedentes e a melhor solu-

ção encontrada pelo Diretor-Geral do Inca, Jacob Klingerman, foi transferir as responsabilidades à hospitais municipais e estaduais desaparelhados.” A desativação dos leitos assistenciais está sendo investigada pelo Ministério Público Federal.

Para Rute Gusmão, do Sintrasef, “este é o procedimento adotado pela reforma neo-liberal na área, considerada não-estratégica e não-exclusiva do Estado”. A sindicalista diz que “o governo de Fernando Henrique está reestruturando a área de Saúde com uma visão mercadológica, por isso provoca a contratação de servidores como empregados públicos, a disponibilização de servidores e promove perdas salariais”.

A Funasa foi descentralizada “por decreto”, extinta através da medida provisória 33/2002 e transformada em Agência Federal de caráter disciplinador, de Prevenção e Controle da Saúde em plena expansão da epidemia de dengue. Essa última MP conseguiu ser derrubada pela luta sindical. “O agente municipal de Saúde não substitui a Funasa, nenhum processo substitui as 60 vítimas fatais de dengue do Rio” desabafou Gilmar Cabral, da Associação de Servidores do Ministério da Saúde.

O DNER foi substituído por um departamento e duas agências. A Rádio Mec teve a grade de programação modificada e profissionais demitidos pela Organização Social de natureza jurídica privada, a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto que substituiu a Fundação. De 6º lugar em audiência despencou para 23º. Bertha Nutels, ex-radialista da Mec, disse que não “impressiona o descaso com a comunicação e cultura de um governo que faz com a Saúde o que fez com o Inca e a Funasa”.

Para Rute Gusmão, “estamos enfrentando o desmonte, o sucateamento do serviço público principalmente para preparar o Brasil para a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas capitaneada pelos Estados Unidos). Afinal, os serviços fundamentais para a população estão sendo entregues ao capital privado visando o lucro.” O Deputado Chico Alencar afirmou que entregará o dossiê a todos os candidatos à Presidência da República e promete cobrar do Ministério da Saúde a investigação das irregularidades denunciadas.



Es paço Livre

Para melhorar a participação dos servidores no ASFOC-IFF sugiro que na sala de recepção hajam uma mesa com cadeiras, estante com livros e computador com Internet. Como estamos longe de tudo, facilitaria a realização de pagamentos bancários, ampliaria nossas opções de lazer e intensificaria nossa presença na sala da ASFOC.

Maria Laura Santos - IFF

Já há algum tempo esta Diretoria vem buscando alternativas para aproximar os trabalhadores do IFF de sua Associação, tanto no que diz respeito à preocupação com a rápida disseminação da informação (através da realização de assembleias, divulgação de informativos, faixas, e-mails etc) quanto à criação de espaços de convívio.

Neste sentido, foi inaugurado no último dia 02/05 o espaço Estação IFF, o qual já está a disposição dos associados para o agendamento de eventos e confraternizações diversas.

No que diz respeito à sua sugestão, informamos já haver solicitado a Administração do IFF a instalação de dois pontos de rede para possibilitar o acesso dos servidores à Internet – pedido este já sinalizado positivamente. Paralelo a isto, já estamos providenciando a compra de um computador para disponibilizar o referido acesso. E para manterem-se informados os trabalhadores podem encontrar, diariamente, em sua associação jornais e revistas disponíveis para leitura.

Sabemos, porém, que o espaço que dispomos é, infelizmente, muito pequeno, não sendo permitido fazermos tudo que idealizamos para o mesmo, por isto buscamos, dentro das condições possíveis, oferecer aos companheiros do IFF momentos de agradáveis de entretenimento e informação.

A Diretoria

Gostaria de destacar a importância de participarmos do debate acerca de políticas de recursos humanos, que um grupo de pessoas junto à ASFOC está organizando em preparação ao congresso interno da FIOCRUZ.

Eu, particularmente, acho que precisamos avançar na democratização da gestão institucional da FIOCRUZ. Não podemos ter somente o voto como ideal de democracia. O processo de gestão democrático, transparente e participativo é mais importante, que elegermos qualquer "iluminado" para direcionar os destinos da instituição.

Sem Política de RH democrática e transparente não existe democracia institucional. E isso discutimos muito pouco e ainda não temos na FIOCRUZ. Hoje, é cada um por si. Não somos premiados nem responsabilizados por nada. Pior, temos que arcar individualmente com decisões que deveriam ser institucionais. O RJU não é impeditivo para avançarmos, muito pelo contrário.

Fátima Pivetta - ENSP

Jurídico

Reestruturação do Departamento Jurídico

A ASFOC comunica que o escritório Luz e Souza Advogados Associados é o novo responsável pelo atendimento de processos na área cível e de família. Os advogados estarão a disposição às sextas-feiras de 9h às 16h30 na sede da ASFOC (lembrando que o atendimento é feito com hora marcada pelo telefone 2290-7347). Os processos trabalhistas continuam com o Dr. Arão da Providência que atende às quintas-feiras de 11h às 13h. Outra novidade é que os associados poderão acompanhar seus processos a partir de fichas que conterão todos os dados sobre o andamento de suas causas jurídicas ou através da página do Tribunal de Justiça na Internet: www.tj.rj.gov.br.

BUTIQUE DA ASFOC



Venha conferir os produtos
da ASFOC em nossa loja.
Na Praça dos Expositores
na sede da Associação.

Autorizada
e fiscalizada pelo
Banco Central



Servidor de C&T

Seja dono do seu banco

*Empréstimos com
juros baixos*

*Aplicação financeira
acima da poupança*

Procure-nos:

2590-3297

3865-7260



**Cooperativa
de Crédito de C&T**
Av. do Ipê, 900
Ilha do Fundão

**Centro de Tecnologia
Mineral - CETEM**

A Fiocruz não sabe o que somos capazes de produzir



Alunos da Escola Politécnica em um dos cursos de manutenção nos laboratórios da Expansão

Incorporados à estrutura da Diretoria de Administração do Campus da Fundação Oswaldo Cruz (Dirac), o Departamento de Manutenção de Equipamentos (Demeq) e o Departamento de Manutenção Civil e Operações (DMCO) não só reparam e consertam objetos danificados como podem fabricar instrumentos específicos para os pesquisadores e técnicos, inclusive as peças mais delicadas. Além disso oferecem cursos nessa área para instituições ligadas à Saúde, principalmente hospitais, de 180 cidades do Estado do Rio de Janeiro e aos alunos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Com diversos técnicos oriundos do Instituto Nacional do Câncer, o setor de manutenção da Fiocruz é referência no Estado, mas mesmo com amplas possibilidades e profissionais especializados, os funcionários do setor dizem que muitas vezes a própria Fiocruz não utiliza essa capacidade.

Para dar maior visibilidade ao importante trabalho deste grupo de profissionais, o Destaque desta edição traz entrevistas realizadas com o técnico lotado no setor de óptica, André Renato de Andrade e com Iraí Gomes e José Luiz de Oliveira responsáveis pela secretaria e divulgação dos cursos de Manutenção.

Como é organizado o setor de manutenção?

Para uma ocupação mais racional do espaço, os galpões foram divididos em oficinas especializadas por espectro de atuação que no Demeq são: Eletrônica, Eletrotécnica, Óptica, Refrigeração, Mecânica, RX, Vidraria, Omea – equipamentos para oxigênio, manometria e anestesia e Telecomunicações; e no DMCO: Elétrica, Alvenaria, Hidráulica, Pintura, Serralheria Civil, Vidraçaria, Marcenaria, Setor de Operações – serviços de emergência e de Pequenos Serviços. São oficinas amplas com bancadas e as equipes são supervisionadas por um técnico ou engenheiro especializado na área, na maioria, com mais de dez anos de experiência na área de manutenção. Algumas equipes ficam mais fora daqui, como a de refrigeração que trabalha com ar condicionado central, por exemplo. Mesmo assim, ainda falta espaço para o que nós precisamos e somos capazes.

E o setor é capaz de absorver toda a demanda da Fiocruz?

É bom esclarecer que, além do Campus e do suporte à equipe do IFF, somos responsáveis também pelas regionais. Atualmente, existem dois técnicos da óptica na regional de Belo Horizonte e o complexo de equipamentos da Fiocruz é bem amplo. Dentro do possível, nós fazemos a manutenção e quando temos que terceirizar, é com o acompanhamento de um técnico nosso. É preciso frisar a diferença da manutenção de uma geladeira que vai abrigar vacinas e a de um eletrodoméstico qualquer. São equipamentos para laboratórios que recebem um acabamento especial, temos uma preocupação grande com isso. O setor de Pintura tem um sistema de estufa apropriado para a secagem do material que fica em contato direto com os medicamentos. É todo um processo diferenciado e delicado. Mas, ainda não é o ideal. Devido ao problema de espaço equipa-

mentos médicos ficam na mesma oficina que a parte de áudio e vídeo, por exemplo.

Temos também o que chamamos de linha de produção, oficinas voltadas para confecção de equipamentos, grades, vidros especiais para os laboratórios. Um exemplo é a usinagem. Se a óptica precisa de um bocal de lâmpada ou uma trava de um equipamento, eles produzem. Pela peça destruída, fazem uma nova, adaptam, melhoram e sugerem outros tipos de material. Até peças de equipamentos importados a que não temos acesso. São desde uma mesa para pesquisa com cobiças pedida pelo Cecal até acessórios de bisturis elétricos, suportes para lâminas laboratoriais de coleta de sangue de medula. A usinagem pode fabricar peças em qualquer material desde bronze até acrílico etc.

Esse setor fez uma exposição recentemente de alguns produtos que são capazes de confeccionar até para que as Unidades possam aproveitar mais a usinagem. Algumas vezes, não se tem idéia do que pode ser feito e em certas Unidades os funcionários se espantavam e diziam que estavam pagando para fazer fora um trabalho que somos capazes de produzir aqui. Nossa clientela interna não conhece nossas possibilidades.

Todos os funcionários do setor de manutenção são servidores?

Todos que vieram da equipe do Inca são servidores públicos como a maioria do setor, mas há alguns cooperativados da Cootram.

E com relação à capacitação e atualização dos técnicos?

Fizemos cursos particulares e institucionais no Cefet, Unicamp e Uerj, alguns financiados pela Fiocruz. Também temos técnicos que fazem cursos de equipamentos específicos na própria fábrica produtora. Por ser uma área restrita

procuramos contatos e troca de informações principalmente com universidades.

Como são os cursos oferecidos na área de manutenção?

Esse trabalho começou por volta de 1994 pelo núcleo de gerenciamento e desenvolvimento. Nós ainda éramos servidores do Inca e começamos esse trabalho de formação de pessoal na área de manutenção. Nós temos uma experiência desde 1983 quando o antigo Inamps criou o programa de medicina nuclear e dentro desse programa existia o setor de manutenção. Foram contratados funcionários da área técnica e o conhecimento que esse pessoal obteve foi na própria bancada. Então, a intenção é poder expandir esse conhecimento, formamos no mínimo 90 alunos por ano de Unidades hospitalares do Rio.

O forte desse trabalho é o curso de Artífice em Manutenção de Equipamentos Médicos Hospitalares, voltado para o atendimento de toda rede do Sistema Único de Saúde e que, atualmente, atende cerca de 180 cidades do Rio e proximidades. Já tivemos alunos inclusive de outros Estados. É aquele profissional que já trabalha em uma unidade médica e tem algum conhecimento de elétrica, hidráulica ou até mesmo é um zelador que está sempre em contato com os equipamentos, mas não tem conhecimento técnico específico. Existem cursos no primeiro e segundo semestre e os professores são os engenheiros e técnicos lotados aqui no Demeq/DMCO – Dirac. Já atendemos inclusive uma equipe da região norte que atuava no combate da dengue e malária no interior e precisava fazer a manutenção dos seus equipamentos onde estivessem e existe uma carência muito grande de peças de reposição. Então, o curso é sempre adaptado às necessidades do cliente.

Há dois ou três anos estamos participando da grade do curso de administração hospitalar da Escola Politécnica dando aos alunos uma visão geral da manutenção de equipamentos. Mas, alguns resolvem se especializar e independente da grade curricular fazem cursos.

Atualmente está em andamento o de microscopia ótica em que o intuito é passar conhecimento básico de manutenção preventiva de microscópios e temos o de Radiologia, o de Artífice, de Equipamentos de Exame Físico do Paciente.

Onde são oferecidos esses cursos?

Em laboratórios na Expansão. Existe uma equipe que dá suporte aos cursos, desde a produção de material didático até a própria conservação dos equipamentos utilizados nas aulas. Os laboratórios reproduzem os ambientes das oficinas aqui do Demeq/DMCO para que quem

venha dos hospitais entenda o que seria ideal na construção de uma oficina.

O curso de Artífice é divulgado através do contato que temos com todas as secretarias de Saúde do Rio de Janeiro. O que nos falta é um pouco mais de espaço físico, mas está prevista uma ampliação com a construção do prédio do Politécnico. Nossa própria secretaria foi ampliada para que os instrutores possam fazer pesquisa dentro da Escola Politécnica. E outro módulo que estamos desenvolvendo para os alunos do Politécnico é o de Manutenção Preventiva, para quem for lidar com o aparelho, saber conservá-lo e até exigir o que quer de quem fará a Manutenção. Em São Paulo existem cursos na Unicamp, mas no Rio, somente a Fiocruz oferece esse curso direcionado especificamente para os servidores públicos.

Manutenção Instituto Fernandes Figueira

Carlos Augusto de Andrade Meirelles não se surpreende quando chega da Igreja aos domingos e encontra uma ambulância parada na porta de sua casa. Há 16 anos funcionário do setor de manutenção do Instituto Fernandes Figueira, ninguém melhor que ele e a equipe da qual participa para resolver as situações de emergência. Veja a seguir o seu depoimento sobre o trabalho no IFF.

“O IFF é formado de prédios antigos. É preciso conhecer a estrutura para fazer a manutenção preventiva e corretiva. Eu cuido da parte elétrica e, às vezes, brinco dizendo que somos um dos pulmões do IFF. Não é qualquer um que consegue fazer aquele gerador funcionar doze horas. Também costumo dizer que vivo 24 horas no Fernandes Figueira, pois o pessoal mantém contato mesmo quando eu não estou lá, sábado, domingo, feriado, de madrugada...”

Meu coração bate muito forte por esse hospital. Meu pai era servidor da Fiocruz quando precisaram de um eletricitista, fiz o teste e passei. Fiquei dois anos como funcionário contratado, somente em 1987 me tornei servidor. Minha equipe conta ainda com o Osmar Cardoso e meu chefe que é o Edvaldo da Silva Melo. Nossa área também foi valorizada pela vinda da engenheira elétrica Débora Bueno de Azevedo remanejada do Instituto Nacional do Câncer. Ela coordena uma equipe que faz a manutenção dos equipamentos e se preocupa muito com essa parte. Antes precisávamos mandar os respiradores, incubadoras para o Demeq, agora as coisas estão mais ágeis.

Estou sempre tentando me atualizar, fazer os seminários do Senai e cursos de aperfeiçoamento do Cefet, mas estou fazendo faculdade de Administração, pois vejo nessa área mais incentivos para crescer. Todos os meus cursos eu paguei do meu próprio bolso, não consegui nenhuma ajuda da Fiocruz. E não é sempre que podemos pagar os cursos, então as pessoas dessa área vão ficando obsoletas, como as máquinas mesmo. Os incentivos para essa parte, às vezes, deixam a desejar, mesmo com a boa vontade da Diretoria do Instituto. Falta uma política de incentivo ao aperfeiçoamento e especialização que leva muitas vezes à terceirização dos serviços inclusive para as próprias empresas que fabricam as peças”.